

A RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO DAS FORMAS SUPERIORES DE CONDUTA

Autora: Juliana Cristina Bomfim

Mestra em educação

Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

e-mail: juliana.bomfim@uemg.br

Resumo

Sustentada pelos aportes da Teoria Histórico-Cultural, esta investigação visou a verificar a relação entre atividade e o desenvolvimento das formas superiores de conduta. Para a realização desta pesquisa qualitativa, que foi constituída por levantamento e estudo bibliográfico/teórico, a investigação se sustentou na análise interpretativa do processo de interiorização da cultura na formação das formas superiores de conduta da criança pré-escolar em concordância com os postulados da Teoria Histórico-Cultural. Consideramos que quando a criança se encontra quando a atividade-guia é o brincar, ela já iniciou o processo de formação de algumas funções psíquicas superiores, como, por exemplo, a atenção e a memória ativas que lhe proporcionaram a apreensão de experiências. E, quanto maiores as experiências vividas pela criança, mais rica será a sua imaginação e, por conseguinte, mais rica será a atividade do brincar.

Palavras-chave: Brincar. Formas superiores de conduta. Atividade-guia. Teoria Histórico-Cultural.

Introdução

De acordo com Vygotski (1995), o processo de aprendizagem engendra o processo de desenvolvimento, que se produz pela relação dialética entre duas formas de desenvolvimento que estão atreladas entre si: a revolução e evolução que ocorrem num processo constituído por rupturas. O desenvolvimento da criança se dá, dessa forma, em razão do encontro dinâmico entre as formas primitivas do comportamento infantil e as formas culturais de conduta desenvolvidas nas relações sociais. Disso resultam os saltos qualitativos e as viradas na psique do indivíduo, uma vez que as involuções e os regressos também fazem parte desse processo. Entretanto, não são apenas negados, são superados, visto que ficam latentes no processo, mas não desaparecem.

Nesse processo, ocorre a transformação de umas formas em outras com o entrelaçamento de fatores externos e internos: as formas superiores de conduta são de natureza social e, por sua vez, o homem é um ser que se humaniza, à medida que ocorre a estruturação das suas formas superiores de conduta, de sua inteligência, personalidade e de sua consciência, formadas pela atividade humana. Nesse sentido, escreve Vygotski:

Podemos formular a lei genética geral do desenvolvimento cultural da seguinte forma: toda a função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no plano social e

depois no plano psicológico, a princípio, entre os homens como categoria intersíquica e, logo, no interior da criança como categoria intrapsíquica. (VYGOTSKI, 1995, p. 150, tradução nossa).¹

Os animais trazem ao nascer o conjunto de habilidades que vão desenvolver na idade adulta. O homem precisa aprender as habilidades que poderá desenvolver. Logo, o animal não se desenvolve para além daquelas habilidades que já lhe vêm dadas biologicamente. O ser humano, sem as habilidades dadas biologicamente, aprende-as com a geração com que convive e no mundo em que vive. Então, a diferença fundamental entre o homem e o animal: o homem é produto e produtor da história humana, com a capacidade de transformar a natureza, de acordo com suas necessidades, modificando suas condições de vida e a si próprio:

Trata-se da atividade humana – o trabalho humano. É, portanto, uma atividade teleológica que rompe com os limites biológicos previstos pela *specie homo*, isto é, uma atividade realizada por um sujeito que transforma intencionalmente a natureza e a si mesmo, para além daquilo que foi previsto pela natureza. (OLIVEIRA, 2006, p. 3).

De modo especial, como escreve Leontiev (1978), o desenvolvimento humano se apresenta inicialmente por meio de uma ativa adaptação do indivíduo ao meio, isto é, por meio da atividade adaptativa que o homem realiza à medida que transforma a natureza em razão das necessidades vitais de sua sobrevivência. Mas não só: também, por meio da atividade produtiva especificamente humana pela qual o homem se apropria dos instrumentos culturais acumulados pelas gerações anteriores e objetiva-se nele na medida em que o homem, em busca da satisfação de necessidades que existem somente no plano da consciência, cria um infundável processo de produção e reprodução da cultura humana, como, por exemplo, a criação artística. Beatón (2005) enfatiza o fenômeno pessoal no desenvolvimento ontogenético “[...] que ocorre em cada geração com os conteúdos acumulados pela cultura e se expressa de maneira individual em cada pessoa, de acordo com seu contexto e conteúdo cultural específico [...]”. (p. 188).²

¹ Podemos formular a ley genética general del desarrollo cultural del siguiente modo: toda función en el desarrollo cultural del niño aparece en escena dos veces, en dos planos; primero en el plano social y después en el plano psicológico, al principio entre los hombres como categoría intersíquica y luego en el interior del niño como categoría intrapsíquica. (VYGOTSKI, 1995, p. 150).

² “[...] que ocurre en cada generación con los contenidos acumulados por la cultura y se expresa de manera individual en cada persona, de acuerdo con su contexto y contenido cultural específico [...]”. (BEATÓN, 2005, p. 188).

É certo, portanto, que o gênero humano tem a capacidade do ato criativo: o conhecimento e a arte, tudo isso transmitido de uma geração para outra e produzido por meio da atividade criadora por excelência humana: o trabalho. Dessa forma, o desenvolvimento da criança se dá por meio da aprendizagem da utilização social dos objetos da cultura, isto é, por meio da atividade que o sujeito realiza no contato com esses objetos. Tal processo é mediado pelos signos e pela linguagem e tem como um dos elementos centrais o outro que faz parte do círculo de relações da criança, tanto na família quanto na escola. Dessa forma, o que está na base da aprendizagem é a atividade assim definida por Leontiev (1978):

A atividade é uma unidade molar da vida real não aditiva do sujeito corporal e material. Em um sentido mais específico, isto é, a nível psicológico, esta unidade da vida se vê mediada pelo reflexo psíquico, cuja função real consiste no que se orienta o sujeito no mundo dos objetos. Em outras palavras, a atividade não é uma reação, assim como também não é um conjunto de reações, mas é um sistema que possui uma estrutura, passos internos, conversões e desenvolvimento. (LEONTIEV, 1978, p. 66, tradução nossa).³

Para Leontiev (1978), Marx considera que a atividade tem um sentido materialista. Em sua forma inicial, a atividade tem um caráter prático sensitivo na medida em que as pessoas se relacionam com as propriedades objetivas e exercem influências sobre os objetos culturais do seu entorno, podendo modificá-los por meio da atividade.

Na própria organização corporal dos indivíduos está implícita a necessidade de estabelecer um contato ativo com o mundo exterior, para sobreviver devem atuar, produzir os meios de que necessitam para a vida. Ao influir sobre o mundo exterior o transformam e com isso eles se transformam também. Por isso, tudo o que são está determinado por sua atividade que, por sua vez, está condicionada pelo nível de desenvolvimento que têm alcançado seus meios e formas de organização. (LEONTIEV, 1978, p. 16, tradução nossa).⁴

Em “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels (2007) afirmam que não é o fato de pensar que faz com que o homem se diferencie dos animais, mas, a atividade revolucionária. Essa

³ La actividad es una unidad molar no aditiva de la vida real del sujeto corporal y material. En un sentido más estrecho, es decir, a nivel psicológico, esta unidad de la vida se ve mediada por el reflejo psíquico, cuya función real consiste en que este orienta el sujeto en el mundo de los objetos. En otras palabras, la actividad no es una reacción, así como también no es un conjunto de reacciones, sino es un sistema que posee una estructura, pasos internos, conversiones y desarrollo. (LEONTIEV, 1978, p. 66).

⁴ En la propia organización corporal de los individuos está implícita la necesidad de establecer un contacto activo con el mundo exterior, para subsistir deben actuar producir, los medios que necesitan para la vida. Al influir sobre el mundo exterior lo transforman y con esto ellos se transforman también. Por eso, todo lo que son está determinado por su actividad que a su vez está condicionada por el nivel de desarrollo que han alcanzado sus medios y formas de organización. (LEONTIEV, 1978, p. 16).

atividade consiste no fato de que o homem começa a produzir seus meios de vida, em um determinado contexto histórico e em sua dinâmica com o restante da natureza; eis o primeiro ato histórico dos indivíduos:

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar a sua vida, um determinado *modo de vida* desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o *que* produzem como também com o *modo como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção. (MARX; ENGELS, 2007, p. 87, grifos dos autores).

Segundo Marx e Engels (2007), a divisão do trabalho, à qual os indivíduos se encontram submetidos, produz a divisão das condições de trabalho, dos instrumentos e dos materiais, gerando uma dependência entre esses indivíduos. E na medida em que essa divisão provoca “[...] a fragmentação do capital acumulado em diversos proprietários e a fragmentação entre capital e trabalho [...]” (p. 72) torna-se que as forças produtivas se separam dos indivíduos, tornando-se uma força estranha a eles:

[...] essas forças só são forças reais no intercâmbio e na conexão desses indivíduos. Portanto, de um lado, há uma totalidade de forças produtivas que assumiram como que uma forma objetiva e que, para os próprios indivíduos, não são mais as forças dos indivíduos, mas as da propriedade privada e, por isso, são as forças dos indivíduos apenas na medida em que eles são proprietários privados. (MARX; ENGELS, 2007, p. 72).

Os referidos autores postulam que os indivíduos precisam apropriar-se das forças produtivas na relação com o intercâmbio universal, isto é, tal apropriação se constitui no “desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção”, e

Somente nessa fase a auto-atividade coincide com a vida material, o que corresponde ao desenvolvimento dos indivíduos até se tornarem indivíduos totais e à perda de todo seu caráter natural; e, assim, a transformação do trabalho em auto-atividade corresponde à transformação do restrito intercâmbio anterior em intercâmbio entre os indivíduos como tais. Com a apropriação das forças produtivas totais pelos indivíduos unidos, acaba a propriedade privada. (MARX; ENGELS, 2007, p. 74).

Nessa perspectiva, Oliveira (2006) considera que “[...] se as relações de produção estão alienadas, a atividade humana se torna também alienada e alienante.” (p. 16). Entretanto,

[...] se essa situação foi criada pelo homem, ela pode ser superada pelo próprio homem. [...] a dicotomia entre indivíduo e sociedade é fruto de circunstâncias históricas. E, desde que as estruturas sociais sejam transformadas, desfaz-se essa dicotomia. E, para serem transformadas, o homem precisa conhecer essas circunstâncias históricas na sua multiplicidade e complexidade e, com base nesse conhecimento, precisa organizar sua atividade para transformar essas circunstâncias. (p. 19).

Nessa direção, remetemo-nos originalmente ao “*trabalho dos homens sobre a natureza* [...]” e ao “[...] *trabalho dos homens sobre os homens* [...].” (MARX; ENGELS, 2007, p. 39, grifos dos autores), este último caracterizado por relações interpretadas como relações alienadas entre os homens em meio à divisão social do trabalho que tem como produto a propriedade privada:

[...] a história não termina por dissolver-se, como ‘espírito do espírito’, na ‘autoconsciência’, mas que em cada um de seus estágios encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente estabelecida com a natureza e que os indivíduos estabelecem uns com os outros; relação que cada geração recebe da geração passada, uma massa de forças produtivas, capitais e circunstâncias que, embora seja, por um lado, modificada pela nova geração, por outro lado prescreve a esta última suas próprias condições de vida e lhe confere um desenvolvimento determinado, um caráter especial – que, portanto, as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias. (MARX; ENGELS, 2007, p. 43).

Duarte (2007), ao discutir a relação entre apropriação e objetivação na humanização dos indivíduos e de suas possibilidades de produção de uma “existência livre e universal”, considera de fundamental importância a realização de uma análise acerca do

[...] caráter contraditoriamente humanizador e alienador com que se tem efetivado ao longo da história humana, a objetivação e a apropriação do homem, na medida em que as relações sociais concretas, nas quais se realizam a objetivação e a apropriação, têm sido relações de dominação de classes e grupos sobre outras classes e grupos. (DUARTE, 2007, p. 23).

Métodos

Nossa pesquisa, cujos resultados ora apresentamos, caracteriza-se, do ponto de vista da classificação dos procedimentos técnicos de pesquisa, como uma pesquisa teórica que tem como escolha o método do materialismo histórico e dialético. Inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico, tendo sido feitas a identificação e a localização das fontes de pesquisa, pela consulta a catálogos sistemáticos de bibliotecas e também por meio de exames dos índices de periódicos nacionais, pelos quais foi viabilizada a

localização de artigos sobre o tema/problema desta investigação. Também, foi realizada a documentação, isto é, o registro e organização sistemática dos dados coletados, os quais foram realizados por meio de fichamento e reflexão dos textos com sua objetivação em sínteses escritas, cuja característica fundamental é que se deve constituir uma unidade e apresentar clareza e completude no sentido de apresentar a ideia central exposta pelo autor pesquisado (Pádua 1997). Nesse sentido, “A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, na [...] melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto.” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 40).

Objetivos

Verificar a relação entre atividade e o desenvolvimento das formas superiores de conduta.

Resultados

Segundo Duarte (2007), dessa forma, as possibilidades de humanização estão sendo geradas historicamente por um processo de dominação dos homens entre si que tem como decorrência a pobreza, a miséria e a fome e, portanto, há uma necessidade de superação das formas alienadas de produção e de dominação. Nesse sentido, a produção da consciência do homem, em princípio, bem como a de sua personalidade e dos produtos de seu pensar, está direta e dinamicamente relacionada com a ação realmente ativa e material realizada pelo homem e entre os homens, pois, “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Nesse sentido, a atividade humana, isto é, a transformação dos objetos, realizada pelo homem, com suas propriedades naturais, em instrumentos da cultura humana permitem a formação de uma nova forma qualitativamente nova do psiquismo, a consciência.

A consciência, segundo Leontiev (1978), no processo de desenvolvimento histórico se apresenta inicialmente na criança por meio da atividade externa e prática na medida em que gera uma imagem psíquica do mundo que a cerca. Em um momento posterior, a consciência se apresenta como reflexo das ações das pessoas que cercam a criança e, por conseguinte, das próprias ações da criança e manifesta-se por meio da comunicação, seja pelos gestos, seja pela linguagem oral.

Desse modo, no transcorrer do processo de desenvolvimento histórico, a consciência humana passa a guiar a atividade prática sensorial, uma vez que aquela se

libera da relação antes estabelecida diretamente com esta. Surge, assim, uma transformação fundamental na consciência humana que tem como implicação a formação de indivíduos que, a partir da consciência em si, possam construir a consciência para si, isto é, a autoconsciência:

[...] o ato de colocar um fim (específico para cada atividade) é um ato da consciência (que é já um produto histórico-social) e, enquanto tal, é um ato dirigido pelas leis histórico-sociais (e não pelas leis genéticas). É preciso, porém, deixar bem claro, que essa consciência pode ser ainda uma consciência *em si*, isto é, uma consciência que necessariamente, não tem consciência dessa consciência. Portanto, não é sempre um ato da consciência *para si*, no qual a consciência tem consciência dessa consciência. (OLIVEIRA, 2006, p. 8-9, grifos da autora).

A atividade, que é caracterizada pelo processo de apropriação e objetivação, é o motor do desenvolvimento da consciência do homem. Toda atividade tem um caráter teleológico, isto é, é orientada para um fim, constitui-se em “uma atividade dirigida por um fim que obedece não mais a leis biológicas, mas a leis histórico-sociais.” (OLIVEIRA, 2006, p. 8). Nesse sentido, é na relação da atitude ativa do sujeito com o objeto da cultura, isto é, a apropriação, que a atividade gera a objetivação do homem:

Ao objetivar-se cria sempre novas necessidades e, conseqüentemente, novos instrumentos, novas técnicas e, de igual modo, novos conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos. Cria assim, a cultura. Esse processo ininterrupto de apropriação-objetivação, portanto, é instigado pela necessidade da vida social que gera cada vez mais novas necessidades, não previstas pela natureza, bem como as respostas mais adequadas a elas. (OLIVEIRA, 2006, p. 8).

Nas palavras de Oliveira (2006), atividade é:

[...], portanto, compreendida ontologicamente como uma unidade orgânica e recíproca entre teoria e prática, através da qual o homem foi criando sua própria essência, histórica e socialmente, criando, portanto, a cultura – o patrimônio cultural do gênero humano. (p. 23).

A atividade, de acordo com Leontiev (2006), se materializa por meio de ações (meio de realizar a atividade e de satisfazer o motivo), operações (modo pelo qual as ações são realizadas, circunstâncias específicas que estão envolvidas na execução) e tarefas (que envolvem o alvo e as condições que uma dada forma de ação exige), sendo sua força de direção caracterizada pelas necessidades e pelos motivos que vão sendo reconfigurados no decorrer de sua existência.

Conclusões

Como dissemos anteriormente, em toda a sua trajetória de vida, a posição que a criança ocupa nas relações humanas vai sendo alterada em função das condições materiais que caracterizam o meio dentro do qual ela vive. Em cada momento de seu desenvolvimento essas relações se configuram de uma determinada maneira, constituindo aquilo que denominamos como a sua atividade principal ou atividade-guia responsável pelas principais mudanças qualitativas de seu desenvolvimento psíquico.

Segundo Leontiev (2006), nos primeiros meses de vida, a atividade-guia da criança é a comunicação emocional com os adultos que cuidam dela e, posteriormente, a necessidade de manipulação dos objetos que a rodeiam. A partir disso a criança acumula experiências que a ajudarão a desenvolver seu pensamento, sua linguagem, sua memória, e sua atenção.

Leontiev (2006) considera que, por volta dos três anos, a criança passa a imitar os adultos em suas relações sociais e com o mundo da cultura. É nesse momento, de acordo com Elkonin (2009), que se manifesta a aparição do papel no jogo.

Nesse sentido, para Leontiev (2006), algumas atividades são de fundamental importância em certo momento, e, em outros, são de menor importância; alguns representam o papel principal e outros o papel subsidiário. Por isso, há uma dependência entre o desenvolvimento psíquico e a atividade-guia, à medida que ocorrem mudanças no decorrer do desenvolvimento da criança, por meio de um processo que implica rupturas e/ou viradas: as mudanças qualitativas no desenvolvimento. Eis uma das características da atividade-guia: “A atividade principal é a atividade da qual dependem, de forma íntima, as principais mudanças psicológicas na personalidade infantil, observados em um certo período de desenvolvimento.” (LEONTIEV, 2006, p. 64).

Por isso, ressaltamos que um momento de desenvolvimento não está isolado do outro, nem mesmo as atividades-guia de cada momento, ou seja, o todo desse processo está complexamente relacionado. Em virtude disso, para o aparecimento da comunicação emocional, a manipulação de objetos e a imitação do papel da vida são de suma importância e estão inseridos no processo da gênese do brincar, pois é com o desenvolvimento da comunicação emocional que a criança enquanto ainda bebê percebe que há um outro com o qual ela pode se relacionar, sentir, se comunicar por meio de uma linguagem peculiar, isto é, por um olhar ou um sorriso.

A partir de então, ela vai descobrindo que pode manipular objetos que estão no seu entorno e, assim, que é possível descobrir cores, formas, texturas, cheiros, sabores que lhe aprimoram os sentidos. Desse modo, quando a criança se encontra no momento em que a atividade-guia é o brincar, ela já iniciou o processo de formação de algumas funções psíquicas superiores, como, por exemplo, a atenção e a memória ativas que lhe proporcionaram a apreensão de experiências. E, quanto maiores as experiências vividas pela criança, mais rica será a sua imaginação e, por conseguinte, mais rica será a atividade do brincar.

No brincar, a criança percebe também que os objetos que antes ela apenas manipulava podem ser utilizados em uma brincadeira e, além disso, entende que a função social desses objetos da cultura pode ser substituída no brincar, como, por exemplo, uma escova pode ser um microfone para brincar de cantor. É nesse momento que a formação da função simbólica, tão importante para a apropriação da linguagem escrita, se inicia.

Nessa perspectiva, o brincar se mostra como a atividade-guia da criança, aproximadamente entre os três e seis anos, uma vez que é a atividade que, nesta fase, propicia a formação das capacidades máximas humanas que configuram o desenvolvimento infantil. Com isso, o brincar gera novas necessidades de conhecimento na criança que terá, na atividade de estudo, a atividade-guia do momento seguinte, o momento propício para encontrar as respostas às suas indagações.

Bibliografia

BEATÓN, G. A. *La persona en el enfoque histórico cultural*. São Paulo: Linear B, 2005.

OLIVEIRA, B. A. Fundamentos Filosóficos marxistas da obra Vigotskiana: a questão da categoria de atividade e algumas implicações para o trabalho educativo. In: MENDONÇA, S. G; MILLER, S. (Org.). *Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas*. Araraquara-SP: Junqueria&Marin, 2006. p. 3-26.

LEONTIEV, A. S. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S. et al. *Linguagem desenvolvimento e aprendizagem*. 10. ed. São Paulo: ícone/Edusp, 2006. p. 120-142.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katál, Florianópolis*, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em: 12/jun./2020.

_____. *Actividade, consciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ciencias Del Hombre: 1978.

MARX, K.; F. ENGELS. *A ideologia Alemã*. Tradução: Rubens Enderle, Nélío Scheneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. 2. ed. Madrid: Visor, 1995, v. III. p. 11-46.